Introdução

Interior de apartamento. O telefone toca na casa da psicóloga e desenrola-se um diálogo entre ela e uma amiga que trabalha numa empresa de televisão:

Renata: Alô.
Tatiana: Alô, Renata, é você? Sou eu, Tatiana
Renata: Oi, Tatiana, tudo bem?
Tatiana: Tudo. Estou ligando aqui do trabalho porque eles estão precisando de uma ludoterapeuta para o programa em que estou trabalhando agora. Aí eu pensei em você, que é psicóloga infantil...
Renata: Mas é pra fazer o quê?
Tatiana: O negócio é que o programa é feito com crianças, e elas têm que ser espontâneas, e não tá rolando. No piloto não ficou legal, e então a chefe da equipe disse que precisávamos de uma ludoterapeuta para resolver isso...
Renata: Tá, mas eu não diria que sou uma ludoterapeuta e nem se eu sei fazer esse trabalho...
Tatiana: Calma. Eu vou dar o seu telefone para o gerente de produção do programa, e vocês conversam melhor e vêem se você pode ajudar.
Renata: Tá bom, vou esperar, então.

Quinze minutos mais tarde o telefone toca de novo na casa da psicóloga, e uma nova conversa se desenrola, desta vez com o gerente de produção:

Renata: Alô?
Orlando: Alô, eu poderia falar com a Renata? Quem fala é o Orlando, gerente de produção.
Renata: Oi, Orlando. Sou eu mesma. A Tatiana me falou que você ligaria, mas eu não achei que seria tão rápido...

Os dois conversam sobre o programa, e ele dá detalhes da situação. Renata fica empolgada com a possibilidade de fazer um trabalho totalmente novo e resolve topar o desafio. Combinam que ele mandará uma fita com o piloto, para que ela dê uma olhada, avalie e veja o que poderia ser feito. A fita chega na casa de Renata em duas horas. No mesmo momento ela começa a ver a fita e fazer as suas anotações.

No dia seguinte, leva a fita à casa de uma amiga educadora, e discutem possíveis soluções e críticas ao formato do piloto. No outro dia (um dia, portanto, depois do primeiro contato), o telefone toca novamente na casa de Renata.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Renata: Alô?
Orlando: Alô, a Renata está? É o Orlando.
Renata: Oi, Orlando, sou eu. Já dei uma olhada nas fitas e posso adiantar algumas coisas que pensei...
Orlando: Não, não precisa. Vem aqui hoje às três horas e a gente conversa melhor, inclusive com o diretor do programa. Você pode?
Renata: Posso sim. Até mais.

Renata chega pela primeira vez à empresa de televisão. Na sala estão Orlando e o diretor sentados numa grande mesa com muitas cadeiras vazias. As apresentações são feitas, e Renata fica esperando a deixa para falar (um pouco nervosa mas, ao mesmo tempo, tranqüila, já que não teve nem tempo de criar muitas expectativas em sua cabeça). O jogo era falar o que tinha percebido e ver no que dava... Outras pessoas vão chegando e sentando à mesa. No final, a mesa está toda ocupada e Renata é apresentada a toda a equipe do programa!!! Desde o diretor de núcleo (o mais poderoso na situação), até à figurinista e aos produtores, passando pelos autores. Renata começa a sua apresentação, e as pessoas ouvem atentas e começam a discutir as idéias trazidas por ela. Ela se mantém firme, defendendo suas posições, (mesmo as mais críticas). A reunião parece ter transcorrido bem, e ela fica satisfeita com sua atuação em terreno tão diferente.

No mesmo dia, Renata recebe um outro telefonema, agora do funcionário administrativo, para conversarem sobre o seu contrato e assim, ela descobre que foi incorporada de fato à equipe e que passou no teste.

No dia seguinte, Renata recebe o apresentador do programa para uma conversa sobre as suas observações e as possíveis maneiras de conduzir a relação com as crianças de forma a que prevaleça a espontaneidade.

Dois dias depois, Renata está nos camarins para a gravação de mais um piloto. Ali ela encontra as crianças pela primeira vez e já começa o seu trabalho. O piloto acaba bem sucedido, e Renata permanece com essa equipe e com essas crianças por quase dois anos.

Esse texto poderia ser uma sinopse de história de ficção para a TV, como muitas que transitam em seus bastidores. Mas não é. Essa é a história da entrada desta psicóloga que aqui escreve nesse universo totalmente diferente e desafiador do trabalho em televisão. Em uma semana saí do conforto do espaço conhecido de trabalho — o consultório ou a sala de aula —, para um espaço totalmente diverso, com muitas variáveis e estranho ao discurso da psicologia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

A televisão é assim: antes de tudo um lugar de muita rapidez, onde, em geral, se privilegia o produzir em detrimento da reflexão. Não seria surpresa haver estranhamento entre esse discurso do fazer acima de tudo e o discurso da psicologia clínica, onde refletir é o principal instrumento do fazer. Eu os estranhava, e eles a mim.

Passei alguns meses até conseguir me apropriar minimamente dos códigos daquela nova situação, e, aos poucos, pude ir construindo uma metodologia de trabalho institucional naquele universo. Mais ainda, tive que ir construindo um espaço para a psicóloga numa equipe de televisão onde os papéis já estão bem demarcados e que funciona praticamente como uma linha industrial de produção.

Desde o começo acalentei o desejo de pensar teoricamente sobre esta peculiar situação em que me encontrava como profissional. Quanto mais eu conhecia esse universo dos bastidores e estreitava laços com as inúmeras crianças que por ele transitavam, bem como com seus responsáveis, mais crescia a certeza de que se tratava de um campo riquíssimo de reflexão sobre as relações entre a infância contemporânea e a mídia.

Este trabalho é a concretização desse desejo. Os relatos da experiência com essas "crianças dos bastidores", por três anos, em dois diferentes programas da mesma empresa, constituem o que se poderia chamar o meu trabalho de campo. Campo este ocupado de diferentes maneiras e em dois momentos distintos: primeiro, como psicóloga empenhada em construir uma rede de relações que favorecessem a experiência das crianças naquele universo. No segundo momento, como pesquisadora empenhada em analisar os textos construídos nessa experiência, com a ajuda dos interlocutores teóricos.

A "infância dos bastidores" delimita-se, assim, como um objeto de reflexão que funciona como um recorte que, por sua vez, aponta para questões que se referem a um objeto mais amplo — a infância contemporânea. Se entendemos o ambiente midiático da criança como condição para pensarmos a infância contemporânea, a "infância dos bastidores" leva a nossa reflexão para a dimensão interna da mídia. Sendo assim, produz perguntas específicas que englobam não só o papel de audiência relacionado à criança, como também as condições de representatividade da infância na mídia e no contexto social mais amplo: a constituição de sua identidade e as questões que envolvem a atividade artística na mídia enquanto vista como trabalho infantil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Para a análise desse objeto, temos como pano de fundo a questão alteritária entre adultos e crianças. A proximidade e a distância, e os lugares, papéis e funções sociais que cada uma dessas duas categorias assume no cotidiano da experiência revelam as vicissitudes e possibilidades de construção de seus próprios contornos enquanto categorias, bem como seus lugares no contexto social.

É nessa perspectiva que enquadramos o discurso científico e a pesquisa com crianças. Partindo do princípio de que o discurso produzido na academia deve ter (e tem) implicações na vida cotidiana, interferindo e delimitando as experiências de adultos e crianças na chamada "vida real", interessa nesta dissertação assumir tal responsabilidade. Sendo assim, este trabalho tem o desejo e a pretensão de ir além da nostalgia e do pessimismo que encontramos em muitas teorias que falam sobre a crise que marca a contemporaneidade e o próprio conceito de infância. Para isso, temos como norte da reflexão a procura de possibilidades e saídas que proporcionem às crianças de hoje uma oportunidade de viver infância tão boa quanto essa que povoa o imaginário da maioria dos adultos. Não a mesma, pois que os tempos mudam e nós — adultos e crianças — mudamos com eles (ainda bem!). O que gostaríamos é de encontrar nestes novos tempos e em suas peculiaridades um caminho para uma infância digna, boa, potente e, sobretudo, possível. No capítulo 1 estarei apresentando os assim chamados bastidores, através da discussão sobre o trabalho que desempenhei ali como psicóloga infantil, experiência que faz surgirem as primeiras indagações desta dissertação. O capítulo 2 procura esboçar um recorte teórico que traga à tona a tensão própria ao debate sobre a infância contemporânea e a sua relação com a mídia, contextualizando, num cenário mais abrangente, nosso objeto — a "infância dos bastidores". O capítulo 3 discute a experiência do trabalho de campo, analisando-a a partir de relatos e diálogos construídos com as crianças no cotidiano dos bastidores.

Utopia e pragmatismo, proximidade e distância, familiaridade e estranhamento — condições estruturais do papel de qualquer pesquisador em ciências humanas — estão presentes em profusão neste trabalho que aqui se inicia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA